

Wie verlassen d. Mittelmeer

Aeneas Mytus.

Germanen (wort kelb. Ursprung?)
in 3 Gruppen geteilt.

Drei Mythen

Gegensatz der jüd. Wahrheit ist Sünde

" " gr. " " Inkarn

" " lat. " " Fehler

" " germ. " " Lüge

VILÉM FLUSSER

A nossa civilização é produto de uma conversação que se processava nas margens da parte oriental do Mediterraneo, e os povos que dela participavam eram gente articulada durante centenas e talvez milhares de anos antes da origem do Ocidente no sentido no qual emprego este termo no curso destas aulas. Imemoriais são as raízes da conversação judia, e apontam a terra fértil da Mesopotâmia e do Nilo, terra que era palco de uma conversação semita, hamita e sumera em épocas inimaginavelmente remotas. Os gregos, embora relativamente mais recentes, tornaram-se herdeiros de uma conversação que chamamos de "micénica" e "minoica" por falta de informação direta, já que dela sabemos somente por intermédio dos mitos gregos, e cuja origem se perde igualmente nas brumas do passado. Os itálicos, cujo ramo principal, os latinos, foi discutido nas duas últimas aulas, consideravam-se, a si mesmos provenientes dos gregos, "troiae qui primus ab oris Italicam fatum Laviniaque venit littora". Embora historicamente errado, é esse mito de Aeneas existencialmente acertado, já que Roma não passa de uma Magna Grécia hipertrofizada. Com efeito, é no diálogo entre semitas e protohelenos que o Ocidente se forma, um diálogo cujas primeiras fases são as incursões dos povos do mar em terras egípcias e a luta entre filistinos e israelitas, cujo desenrolar histórico é caracterizado por Alexandre e pelas guerras púnicas, e que culminou, um pouco tardiamente, na luta mortal entre pseudolatinos e mouros. A julgar pelo desfraldar da bandeira verde da lua crescente, ao qual assistimos atualmente, a última fase desse diálogo ainda não foi superada. Ben Bella (o filho do Senhor) e Nasser (o salvador) enfrentam De Gaulle (o celta) numa reencarnação tardia dessa contenda primordial que é o berço do Ocidente. (Reço que os senhores desculpem esse jogo talvez gratuito com nomes comoomens). Mas em redor dessa conversação articulada sempre existia a franja semiarticulada do balbuciar e da salada de palavras, da barbárie, como diziam os gregos. E contra este balbuciar que o imperio construía o limes e o vallum. Um tipo desse balbuciar, e a incrível história de sua articulação que vai culminar em Shakespeare e Goethe, em Newton e Planck, em Hume e em Kant, em Bach e em Mondrian, é o tema desta aula e da aula seguinte. Chama-se "germanica" essa conversação que começa a ser percebida vagamente no século 6 antes de Cristo, que irrompe, de maneira franca e vandalica pela conversação incipiente acidental no século 3 e 4 depois de Cristo, que a interrompe por um instante, para depois aprofundá-la e propaga-la até Última Thule. E essa conversação, é preciso não esquece-lo, resultou não somente nos versos de Shelley, mas também nos discursos de Hitler. Que esta observação sirva de memento logo no início das nossas considerações do mundo germanico, já que existe o perigo real de sermos levados pelo entusiasmo da sua beleza obscura e inebriante.

Como toda origem, também a dos germanos é misteriosa. O próprio nome é incompreensível, e a etimologia popular de "ger" (lança) e "man" (homem do povo) é certamente errada. Provavelmente é a palavra "germano" de origem celta, o que deveria frear um pouco o ardor nacionalista dos românticos, alemães, tão adeptos da filologia. Fazem parte as tribus germanicas da grande familia de povos que falam uma língua flexional, chamada de "indogermanica" por esses românticos alemães, e mais tarde de "ariana" pelos seus descendentes do século 20. A língua germanica tem certas características inconfundíveis, chamadas "Iautverschiebung" (deslocação de tons), mas cabelos louros, olhos azuis e orgulho alívio são características que não podem ser descobertas. Também a pergunta "De onde vieram os germanos?" não pode ser respondida. No século 6 a.C. habitavam o território mal definido entre a Alemanha oriental e a Hungria, entre a Suécia e a Criméia, e já estavam divididos em tres grupos diferentes. Os germanos orientais, cujos representantes mais importantes são os godos e burgúndos, foram extirminados, mas não antes de terem deixado as suas marcas profundas na nossa civilização na Italia e na península Ibérica, da qual o Brasil descende. E deixaram monumentos literários, dos quais o mais importante, embora em língua alemã, é o canto dos Nibelungen. Os germanos do norte, cujos representantes mais importantes são os suedos e herulos, são os antepassados dos escandinavos modernos. Os germanos ocidentais são um mosaico intrincado de tribus, entre os quais mencionarei apenas os Chattos, os salios, os saxões, os langobardos, os cheruscos, os quados, os anglos e os frisos. São estes os povos que deram origem aos ingleses e holandeses de um lado, e aos alemães do outro. No presente curso considerarei apenas os ingleses e alemães, já que deles tenho vivencia imediata.

VILÉM FLUSSER

Não tentarei penetrar os mitos germânicos originais, porque deles temos apenas notícias indiretas. Mencionarei apenas um mito do qual Tacitus nos conta. O deus supremo parece ter se chamado Tuist, o que significa "o dos dois sexos", (e não o twist da geração presente). Esse deus (ou deusa) tinha um filho, "Mannus", o primeiro homem. Deterei-me um pouco nessa palavra "Mannus". No alemão antigo o termo "mane" significa "homem de baixa classe", e "manisch" isto é portanto "humano" significa "mau", "repulsivo". Esse "manisch" deu origem ao termo "Mensch" que significa "homem" em alemão moderno. O termo inglês "mean" no sentido de "mau", "traíçoeiro" é uma variante do mesmo tema. O que é comum aos homens, "gemein", significa o mesmo conceito. A palavra "man" em alemão moderno tem dois significados. É o homem macho no sentido do "vir" latino, e é o amorfo "a gente", cujo significado depreciativo o pensamento existencial elaborou recentemente. Em oposição ao "man" sempre existia um termo designando algo superior, "hoeheres", em alemão antigo "heriro" que deu origem ao termo "Herr" (senhor) em alemão moderno. Essa superioridade é esplêndida e gloriosa, ("hehr" e "herrlich") e paira sobre a humanidade vulgar, que é "gemein", "fahl" (falsa, cinzenta), "fowl", "false", (traíçoeira, falsa). O filho do homem vulgar é "Knabe", isto é "knave", portanto criminoso. O homem no sentido de "man" é uma forma de existir falso e decadente. O superhomem existe autenticamente ("echt", "eigen", "own") porque possui ("eignet", "owns") um eu autêntico ("eigenes selbst" "own self") isto é uma alma (soul, Seele). É importante para a compreensão do projeto germânico comparar estes termos com os conceitos que lhes correspondem, de acordo com a tradução léxica, nas três conversações já discutidas. Por exemplo "Herr" é traduzido por "dominus", mas é evidente que o superhomem nada tem a ver com o dono da casa. O termo "soul" é traduzido por "anima", "psyche" e "nefech". Mas é claro que essa autenticidade existencial nada tem a ver com a força vital e animal dos romanos, com a sombra da vida dos gregos, ou com a parcela do divino do judeus. O pensamento germânico se distingue radicalmente dos três projetos mediterrâneos até agora discutidos neste ponto que me parece decisivo: os judeus, os gregos e os romanos procuram a realidade "Iehová, tó on, res", mas os germanos procuram a autenticidade "das Eigentliche". Essa procura germânica é condensada poeticamente de maneira magistral por Shakespeare: "This above all: to thine own self be true". (em alemão: "vor allem dies: das eigene selbst bewahre") (isto acima de tudo: tua autenticidade autêntica preserve). Como vêm os senhores, as línguas latinas não dispõem de nenhum termo para articular autenticamente o termo germânico "autenticidade", enquanto que as línguas germânicas dispõem de pelo menos dois termos: "echt, eigen, own" e "selbst, self, soul, Seele". Possuir uma alma, "to own a soul" é, para o pensamento germânico, a forma de existir na qual sou idêntico comigo mesmo, já que tanto "own" como "self" denota identidade. Possuir uma alma é portanto o contrário de alienação, é o ensimesmamento.

Uma consequência desse caráter fundamental do pensamento germânico é uma epistemologia totalmente diferente das clarezas mediterrâneas até agora discutidas. No verso citado aparece o termo "to be true", que traduzi para o alemão por "bewahren". Temos, nesses dois termos, os dois aspectos do conceito germânico da verdade. A verdade como "truth", isto é fidelidade, e a verdade como "Wahrheit", isto é como defesa. A verdade portanto não como revelação (verdade judaica), nem como descoberta (verdade grega); nem como adequação à coisa (verdade latina), mas a verdade como ensimesmamento, como recusa da alienação no "man", na falsidade. O termo "truth", que traduzi por "fidelidade", evoca a "fides" cristã; mas se a verdade germânica é uma fé, certamente nada tem de cristianismo. É a fé em mim mesmo, e não naquilo que me transcende. Mas taopouco tem algo a ver com o humanismo no sentido latino. É uma fé anti-humanista, no sentido de a verdade justamente superar a falsidade do "man" e proporcionar a vivência do "selbst" que destrói a "Gemeinheit". É anti-humanista, porque é fé no superhomem. O paralelo com o "gnōti seauton" que se oferece com insistência, é igualmente enganador e deve ser recusado. O grego, ao procurar conhecer-se a si mesmo, procura descobrir em si o Ser que se esconde em tudo. O germânico, ao procurar ser ele mesmo, procura evitar a fal-

VILÉM FLUSSER

sidade. Esta distinção é importante. O contrário da verdade judia é o pecado. O contrário da verdade grega é o engano. O contrário da verdade latina é o erro. O contrário da verdade germânica é a mentira. A epistemologia germânica tem, em consequência, um caráter negativo, se comparada com as três epistemologias mencionadas. Procura evitar a mentira do "man", a falsidade traiçoeira da conversa fiada. A traição "Betrug", é um tema recorrente no pensamento germanico, e tem importância epistemológica de primeira ordem. Os heróis germanicos são traiçoeiros, "Betruenger", e não há história mais cheia de traição de que por exemplo os "Nibelungen" ou os contos de fadas. Tanto Siegfried como o lobo no Chapeuzinho Vermelho são típicos traidores. É o que os alemães chamam de "nordische List" (astúcia nórdica), e tem uma função intrínseca na epistemologia implícita dos germanos. A falsidade do "man" é "Lug und Trug", é "mentira e traição", mas é preciso, para superar essa mentira, de astúcia e de mentira. "Trug", a traição como ilusão, quer ser astuciosamente evitado, para que a fidelidade "truth" seja mantida. A semelhança entre "Trug" e "truth" demonstra como é dramaticamente envolvido e auto-destruidor o conceito da verdade no pensamento dos germanos. Essa dramaticidade interna, esse "zwei Seelen wohnen, ach, in meiner Brust" (duas almas habitam, ach, o meu peito), essa obscuridade perigosa é uma das heranças mais importantes que devemos aos germanos, e as grandes artes que a eles devemos, e mais especialmente a música, são fruto dessa dramaticidade. Já agora, ao discutir a epistemologia, posso aventurar-me a comunicar-lhes uma das minhas teses favoritas: de certa maneira é a história do Ocidente um vacilar entre classicismo e romantismo. O classicismo é a fase na qual a nossa herança mediterrânea surge à tona. O romantismo é, a despeito do seu nome, a época da predominância dos germanos. E o romantismo é a articulação dessa nossa dramaticidade interna. É a articulação da nossa tragédia de termos necessidade da mentira para chegarmos à verdade. A discussão do termo "truth" que acabe de lhes propor facilitará a discussão do termo "Wahrheit". Traduzi esse termo, que significa "verdade" pela palavra "defesa". Por felicidade é o verbo "wahren" uma das poucas palavras germanicas que penetraram cedo a conversação latina, e tem, a forma "guardar" na língua portuguesa. Podemos portanto sorver algo do seu significado primitivo. Mas não todo o significado. O verbo "wahren" tem um irmão gêmeo, que é o verbo "Warten" e que se conservou mais plenamente no verbo "wait" da língua inglesa. Significa "guardar" no sentido de "esperar" e de "servir", como se vê de termo alemão "aufwarten" (servir à mesa) e do termo inglês "Waiter" (garçon de restaurante). Todos estes significados estão subentendidos no termo "Wahrheit". É um termo cheio de paixão e de passividade. A verdade germanica quer ser guardada pacientemente, servilmente, passivamente e apaixonadamente. Em uma palavra: a verdade germanica quer ser aguardada. Na porta da entrada do templo da verdade está a inscrição "Beware!" (esteja em guarda). Em torno da verdade é preciso estabelecer uma muralha, uma "Wehrmacht" (uma potência de guarda). A verdade é nossa própria autenticidade (das Eigentliche), (our very own) que é preciso guardar contra a "meanness of betrayal", contra a falsidade traiçoeira. A verdade é um "ownership", um "Eigentum", é uma posse, ela é um "Hort", um tesouro, e o "Hort der Nibelungen", (o tesouro dos Nibelungen) é o seu mito. A verdade como tesouro interior (no fundo do Reno), exposta a mil traições da falsidade mentirosa, essa é a verdade que Nietzsche tinha em mente ao dizer que "arte é melhor que verdade". Porque a arte, o poder (koennen, kunst), é aquilo para o qual a vontade (Wille) tende. A arte como disciplina dinâmica, como o próprio atuar, é o contrário da verdade, que é um aguardar paciente. A arte é a traição da verdade. A arte cria, mas cria "Trug", cria ilusão e mentira. Ao dizer que "arte é melhor que verdade" Nietzsche procedeu a uma profunda transvalorização de valores. Direi que Nietzsche desmente a verdade. Cede, totalmente consciente daquilo que está fazendo, aos apelos da bestia louca mas cede em direção do superhomem, e não em direção do "man", daquilo que ele chamou de "rebanho". A verdade não tem valor para o "Herrenmensch", (o superhomem), porque a autenticidade do Herrenmensch está na vontade, portanto na arte. Mas esse traidor, esse Siegfried, que Nietzsche é no fundo, sabe da sua traição, e sofre até a loucura. Porque a despeito de toda sua astúcia (nordische List), sabe Nietzsche que a vontade e a arte são formas de alienação da verdade, do "very own", "des Eigentlichen".

VILÉM FLÜSSER

A consideração da epistemologia implícita no pensamento germanico conduz organicamente para considerações estéticas, não somente em virtude do termo "Kunst", (arte), que é o substantivo do verbo "koennen", (poder), mas também em virtude dos termos "schoen" (belo), e "schaffen" (criar), e a esses tres termos dedicarei o resto desta aula. Começarei pelo termo "schoen" e direi que pertence a uma familia de palavras que se agrupa em redor do verbo "scheinen". Esse verbo tem duas traduções para o portuguez, a saber "resplandecer" e "parecer", e o seu substantivo "Schein" tem tres traduções, a saber "esplendor", "ilusao" e "documento". A minha tese será que a arte, isto é o poder da vontade, cria o belo (das Schoene), no sentido de "o espléndido", "o ilusório" e "o comprovante". Para tanto recorrerei a Schopenhauer, mas primeiro peço que os senhores considerem comigo o verbo "scheinen". "Erscheinen" é "aparecer", "Erscheinung" é "fenómeno", "scheinbar" "aparente", e "wehrscheinlich" é "provável". "Der Schein trüegt" é "a apparencia é traiçoeira", "Anschein" é engano, "unscheinbar" é "inconspicuo, feio", "schein" como préfixo é "falso", por exemplo "scheinheilig" (falso santo, hipócrita), "Scheinbild" (falsa imagem fata-morgana). "Bescheinigen" é "comprovar", "auf dem Schein bestehn" é "insistir no seu direito". Mais algumas palavras quanto ao verbo "schaffen". É traduzido por "criar", mas "informar" me parece a tradução mas correta. A palavra inglesa "shape" (forma) prova o que tenho em mente. "Erschaffen", isto sim é "criar" sensu stricto. "Wegschaffen" é "transportar", "abschaffen" é "destituir", "anschaffen" é "instalar", mas também "encomendar" e "ordenar", e "beschaffen" é "conseguir o procurado". "Beschaffenheit" é "natureza das coisas". O substantivo desse verbo é "Schoepfer", que significa criador, mas também exaurador, e "erschöpfet" é exausto. "Schaffen" é portanto a atividade que colhe algo para transporta-lo para cá, impondo-lhe forma, dando lhe natureza de coisa, e criando, neste sentido, algo novo. Passo agora a considerar Schopenhauer, tendo a análise dos termos "arte", "o belo" e "criar" em mente. Para esse pensador tipicamente germanico a realidade é identica com a vontade. Ainda discutirei na aula seguinte o que significa "realidade" no pensamento germanico, quando tratar da ontologia e da ética implícita dos germanos. Essa vontade schopenhaueriana é "grundlos", carece de fundamento e dispensa motivos. Mas essa vontade se apresenta ("stellt sich vor") como uma série de conceitos ("Vorstellungen") que representam ("vorstellen") a vontade, mas que também tapam a visao da vontade ("sich vor den Willen stellen"). Essa incenação teatral ("Vorstellung") que os conceitos fazem da vontade, é profundamente inautentica, é traiçoeira, é um teatro de fantoches. Schopenhauer diz que é o véu ilusório de Maia. A ilusoriedade desse mundo dos conceitos é comprovada pelo fato de serem os conceitos ("Vorstellungen") ordenados ("begruendet") pela causalidade. Em outras palavras: a lógica reina no mundo dos conceitos, no mundo como representação, enquanto que a realidade não tem nem fundamento nem motivo. A função da arte é dissolver essa ordem e libertar o homem das cadeias da necessidade. As artes partem dos conceitos, colhem conceitos, transportam esse conceito colhidos para uma cena nova, (por assim dizer para um teatro no teatro), transformam esses conceitos em coisas novas, (isto é obras de arte), e criam assim liberdade, que é o aparecer e o resplandecer da vontade, portanto o belo. Mas a música, essa arte das artes, é diferente das demais, porque não parte dos conceitos. Ela colhe diretamente vontade, e a música é portanto a nossa única abertura para a vontade. Pela música aparece e resplandece a vontade, isto é a realidade, imediatamente, sem ter que passar pelo mundo da representação, e é por isto que a vivência da música é a experiencia da própria realidade. A música nada representa (stellt nichts vor), não parte de conceitos (Vorstellungen) e nada tapa (stellt nichts vor), ela aparece (erscheint) e resplandesce (erschient) no esplendor da beleza (im Scheine der Schoenheit). É ela o supremo poder, a suprema arte (Kunst, koennen). O propósito destas minhas considerações não é a discussão de Schopenhauer. Se conseguí transmitir-lhes algo da beleza do seu pensamento, isto terá sido meramente tributário ao curso do argumento. Se tivesse discutido por exemplo James ou mesmo Dewey, o resultado teria sido o mesmo. O que tentei mostrar era a função da arte, do poder e do criar no pensamento dos germanos, Schopenhauer.

VILÉM FLUSSER

penhauer é uma das fontes do pensamento existencial, e do pragmatismo anglo-americano. Articula pela primeira vez de maneira magistral uma teoria da arte e do poder fazer (know-how) no sentido germanico desses dois termos. Mas a música de um Bach e um Mozart, a poesia de um Milton e Shaekspeare, e a revolução industrial na Holanda e Inglaterra são anteriores, e são expressões criadoras do mesmo pensamento. E todo o Ocidente, enquanto imbuido e impregnado de pensamento germanico, especialmente a França e a Itália do Norte, acompanha esse processo de realização, e, às vezes o antecipa. Na França, no país dos francos; e na Lombardia, terra dos Langobardos, esse pensamento produz umas das suas flores mais belas. E na Andaluzia, terra dos vândalos, já se prepara centenas de anos mais cedo.

Terei oportunidade, em aulas futuras, expor aos senhores o estranho casamento entre a praticidade romana e o pragmatismo germanico, tão diferentes em suas origens e tão curiosamente paralelos em seus produtos. A atividade romana como atividade dominadora e domesticadora, e a atividade germanica como atividade artística e traiçoeira, são, quando conjugadas, a força propulsora do lado prático do Ocidente. Os germanos tentaram, durante mais de mil anos, substituir o Imperio romano. Transportaram a cidade eterna para as terras inóspitas e frias da Germania medieval, e assumiram o fardo dos legionários, transformado em fardo do homem branco (white man's burden) na margem do rio Tamisa. Não conseguiram metamorfosear-se em quirites. Mas absorveram grande parte da mentalidade latina, sem deixar de ser eles mesmos (this above all, to thine own self be true). E injetaram nos povos latinos grande parcela de sua própria mentalidade, uma mentalidade que atualmente se tornou dominante. Essa dominancia é evidente não sómente nas artes e na filosofia, mas também no viver diário, graças a Hollywood e à Coca-cola. A consideração dessa mentalidade no seu aspecto ético e ontológico será dedicada a próxima aula.